



Apresentação do dossiê “Cadernos de Estágio Supervisionado em Geografia na FEBF/UERJ - 2022”

A pandemia da COVID-19, que nos enluta com mais de 690 mil mortes e traumatiza desde a tragédia que se estabelece nos modos de enfrentamento da mesma, atravessou à Educação e nos impôs desafios que permanecerão como chaves de leitura e pesquisa por muito tempo, tamanhos dilemas e contradições evidenciadas.

Em relação ao ensino superior, e especificamente, às licenciaturas, um dos campos mais afetados foi o de estágio supervisionado curricular obrigatório. Seja pelo fechamento das escolas em períodos recrudescidos de contágio, impossibilitando sua efetivação, seja pelas alternativas virtualizadas um tanto problemáticas, foram imensos os desafios para este que consideramos um fundamental momento da formulação da profissionalidade docente.

Contudo, mesmo que vivendo não ainda num mundo pós-pandêmico, mas com números mais controlados, devido a vacinação apesar de tardia no caso brasileiro, a Universidade retoma suas atividades presenciais, dentre elas, o estágio supervisionado. Consideramos relevante esse preâmbulo pois ele se revela como pano de fundo determinante para a compreensão do tempo histórico em que as experiências relatadas neste dossiê se realizaram.

O Estágio Supervisionado é um componente curricular obrigatório que tem como finalidade propiciar às/aos licenciadas/os do curso de Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) experiências de aprendizagens relacionadas ao contexto de imersão profissional. Estagiárias/os se inserem como aprendizes e observadores nas escolas públicas do Estado do

Rio de Janeiro e em redes municipais conveniadas, que se tornam lócus de constituição de sua formação acadêmica-profissional.

Tal componente está estruturado em 4 disciplinas. O estágio I volta-se a configurar o lugar do estagiário no cotidiano de escolas do ensino fundamental, tendo como horizonte construir um olhar inaugural de estranhamento para a escola, esse *lugar acostumado* de todos os sujeitos envolvidos no processo, e desse modo encaminha todo um conjunto de discussões e provocações que engendram o estágio como momento de formação e pesquisa.

O estágio II também é dedicado a mesma etapa da Educação Básica, porém seu foco é um aprofundamento da questão curricular do ensino de Geografia - do 6º ao 9º ano -, que se realiza com investigações das práticas escolares vivenciadas no estágio e adensamento das discussões sobre políticas públicas e currículos de geografia, prescritos e praticados.

A terceira disciplina de estágio refere-se à Geografia no Ensino Médio. Conjuga discussões e reflexões que abordam desde as questões da juventude e suas territorialidades, o lugar da escola nessa etapa da vida, os conteúdos específicos desta etapa até as recentes políticas que atravessam a geografia escolar como as que se referem à reforma do Ensino Médio.

Já o último estágio, nos últimos anos, tem sido realizado na Educação de Jovens e Adultos. Desdobramos questões como a diversidade de sujeitos e processos educativos e geográficos como centralidade teórica e objeto de nossas investigações, para desenvolver conteúdos teóricos, atitudinais e procedimentais que são colocados em discussão.

Nos encontros semanais da disciplina, as vivências de estágio são conectadas e confrontadas com produções teóricas relativas a cada uma das disciplinas. Deriva desse conjunto de ações um diário de estágio, como relatos/narrativas de formação, onde licenciandas/os produzem um inventário singular dos movimentos observados e partilhados na escola básica, ao mesmo tempo que elegem, do cotidiano vivenciado, uma temática para destacar e aprofundar a análise.

Nesse sentido, esse dossiê é composto por 15 desses relatos, experiências nas disciplinas de estágios II e III, ao longo de 2022.1. Ao

direcionamos os materiais para publicação garantimos o anonimato às escolas e de pessoas da comunidade escolar, com nomenclaturas fictícias, preservando as identidades e direcionando o foco ao que importa a essa produção: apresentar a miríade de situações cotidianamente enfrentadas nas escolas públicas e como essas mobilizam professores em formação e interrogam nossos currículos na Universidade. Para fins didáticos, organizamos os relatos em três seções.

“Presentes, sim!”

Os artigos mencionados a seguir foram selecionados nesta ordem, em consonância com o subtítulo, num exercício provocativo de reflexão. Os primeiros sinalizam para posturas/conduas enraizadas na sociedade brasileira que se ainda perpetuam no ambiente escolar através de minimizações, olhares velados e/ou falas reprodutivas/inflamatórias, inclusive de educadores. Referimos aqui ao racismo e machismo abordados, como vozes de luta/resistência e rejeições de futura docência, nos trabalhos das graduandas Brenda Carolina Silva Ramos e Thayná da Costa Gomes, respectivamente.

O terceiro artigo sensibiliza para a coexistência de sujeitos discentes – lê-se: seres humanos com suas vivências – invisibilizados e/ou simplesmente denominados com substantivos, adjetivos e/ou expressões (inclusive pejorativas) no cotidiano escolar, como no caso das alunas puérperas na sororidade da licencianda Ingrid Vitoria Gomes.

Vale ressaltar também que o *bullying* e o assédio (de várias configurações) estão presentes no dia a dia escolar, práticas que num somatório com outros fatores, apontam para a urgência do questionamento sobre a saúde mental docente-discente. Por isso, encerramos com o relato da graduanda Iara Nascimento Costa que relata seu estágio privilegiando essas temáticas.

Escola: lugar ou não-lugar?

Numa associação com significação de pertencimento e de afetividade do conceito geográfico de lugar, os artigos relacionados sinalizam a afirmação ou negativa do reconhecimento/da aproximação do educando com este espaço-escola – tal presente no seu cotidiano.

Os questionamentos perpassam pela distorção, proposital ou por consequência, da funcionalidade do ambiente escolar condicionada ao um lugar de aprisionamento de alunos e/ou de práticas/conduitas de autoritarismo e moldastes de futuros cidadãos, através das experiências de estágio dos licenciandos Elaine de Freitas Soares Condez, Lara Lima Bezerra e Vinícius Moraes Fonseca.

E devida a importância, numa licenciatura, de se pensar teoricamente e observar na prática de estágio o lugar-espço dos discentes com deficiências e portadores de necessidades especiais e da educação inclusiva na escola, agregamos nessa seção os relatos dos graduandos Gabriel Mathias de Abreu Castilho e Kalel Pessanha.

Repolitizando práticas geopedagógicas

O último agrupamento de relatos permeia sobre temáticas/problemáticas/didáticas recorrentes no cotidiano escolar e nas discussões universitárias, porém tal fato não menospreza suas demandas de escrita acadêmica e de pesquisa.

Nesse sentido, temos abordagens, com interligações/reflexões diretas com as aulas/metodologias geográficas acompanhadas na experiência de estágio, sobre a indisciplina escolar, a avaliação da aprendizagem e as alterações/configurações curriculares nos artigos, respectivamente, dos licenciandos Luís Antonio Santos da Silva, Ana Carolina de Oliveira Barroso e Lucas Alves Chaves.

A desmotivação do professor/educador e a precarização do trabalho docente se reafirmam como problematizações educacionais através da narrativa dos graduandos Sávio Dasaev de Araujo dos Reis e Leticia Mello de Souza Nascimento.

Por fim, fechamos a potencialidade deste dossiê com um relato do qual deriva uma proposta prática de ensino em Geografia pensada e construída – em fase de reformulações – a partir da vivência de Guilherme Serra Pereira Bernardo em uma escola pública da Baixada Fluminense, validando assim a

importância – teórica e prática – da disciplina estágio supervisionado em Geografia.

Esperamos que a leitura deste material provoque reflexões e incite debates que nos permitam seguir reelaborando o lugar do estágio nas licenciaturas, defendendo a fundamentação importante que a educação em geografia nos oferece para compreender fenômenos educativos e construindo as ferramentas teóricas, metodológicas e políticas necessárias para estreitar as relações Universidade-escola, em processos de formação inicial e continuada, orientando uma educação emancipadora para todas e todos.

Lorena Lopes Pereira Bonomo
Flavia Eginia Cabral
As organizadoras